

Sábado

30-04-2019

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Política

Dimensão: 539 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/Cor

Página (s): 12

## EDITORIAL

**A grande dúvida está em saber se Sócrates espera que Ivo Rosa liquide, pura e simplesmente, o processo nesta fase, ou se aceita que o magistrado alinhe num outro tipo de pantomina de justiça e mande os arguidos para julgamento**



E

Diretor

**Eduardo Dâmaso**

## O juiz que Sócrates adora

O ex-primeiro-ministro veio dizer que gosta do juiz Ivo Rosa e que não gosta do juiz Carlos Alexandre e isso não é nada surpreendente. O pior dessa declaração não está no facto de gostar ou não gostar de um determinado juiz. O que é grave é a noção de justiça e de separação de poderes que essa declaração comporta.

Sócrates adora o juiz Ivo Rosa porque espera ser beneficiado por ele na instrução da Operação Marquês. A grande dúvida está em saber se Sócrates espera que Ivo Rosa liquide, pura e simplesmente, o processo nesta fase – esperança que, certamente, lhe vai na alma –, ou se aceita que o magistrado alinhe num outro tipo de pantomina de justiça e mande os arguidos para julgamento, mas já não acusados por corrupção. Na primeira hipótese, Sócrates amará para sempre Ivo Rosa. Na segunda, irá gostando deste juiz até ter a certeza do resultado final de um julgamento.

Ivo Rosa é visto, nesta pantomina, como uma peça da justiça que Sócrates e os seus amigos gostariam de ver reinar nos tribunais portugueses. Uma justiça em que o Ministério Público e órgãos de polícia criminal como a Autoridade Tributária ou a Polícia Judiciária fossem esmagados pelo poder de um juiz de instrução manso e servil aos poderes que dominam as sarjetas do poder político, é o que Sócrates e a rapaziada que o acompanha gostariam de ver na ação do juiz Ivo Rosa. Em nome, certamente, dos direitos fundamentais, essa hipócrita manipulação narrativa desta gente que governou Portugal com toda a duplicidade de contas, moral e verdade próprias de uma associação de malfeitores vestida com a alegada legitimidade dos votos face a tudo o mais.

O ex-primeiro-ministro e os seus amigos são um caso típico daquele

grupo de pessoas que acham possível enganar todos o tempo todo, usando a estratégia da vitimização até à eternidade. As vítimas podem dizer e fazer tudo. A vitimização é uma densa coluna de fumo sobre a realidade e os factos. Por isso, já quando era primeiro-ministro, Sócrates, o “Grande Chefe”, como lhe chamavam os acólitos, apenas se preocupava, como dizia, com “o partido da comunicação social” e o “partido do Ministério Público”. O resto, a oposição de direita, eram meramente “uns pulhas”. Sócrates odiava quem não conseguia controlar e é isso que permanece na sua cabeça. O juiz Carlos Alexandre não consegue controlar, já o juiz Ivo Rosa, espera poder controlar. O que Sócrates quer, porém, nenhum juiz digno desse nome lhe pode dar. Esperemos, para bem da democracia reconquistada há 45 anos, que o tiro lhe saia pela culatra e que seja possível gritar que ainda há juizes em Lisboa. ▣